

EDITORIAL

FIGURAS DO PÓS-HUMANO: LIMIARES DO CORPO E DA MÁQUINA

EDITORIAL

POSTHUMAN FIGURES: BODY AND MACHINE TRESHOLDS

Este número da *Revista 2i* fornece evidência bastante do quanto a nossa era socio-civilizacional, pautada pelo incessante devir tecnológico, procede a uma recodificação identitária da condição humana, uma recodificação com efeitos expansivos em diversos domínios (medicina, bioética, biotecnologias, estética, indústria, educação, etc.). Ou seja, o encontro atual com a História e que dá pelo nome de revolução tecno-digital afeta, reformulando-a, a definição do humano e, por extensão, as políticas da identidade que lhe são conexas. O que isto, em rigor, significa é que, mais do que nunca, ganha particular interesse o problema do Humano.

Não se tratará já, porém, apenas de regressar àquela paradigmática questão de se saber o que diferencia e define o Homem – uma problemática especulativa cuja filiação remonta, na sua mais clássica ascendência lógico-racional, pelo menos, a Descartes, como sabemos. O que agora parece estar em causa é não somente saber até que ponto operações tecnológicas, superadoras da caducidade biológica, se afiguram capazes de engendrar um Homem Novo (*Homo Technologicus*), como também, e sobretudo, perceber, na especificidade daquilo que se vai entendendo por Humano, de que maneira o imenso alargamento da biologia, através de sofisticadas próteses e dispositivos biônicos, ainda corresponde a uma moldura humana. Paira, pois, a legítima suspeita de que a nossa relação com o humano, num momento em que se dá o irrestrito triunfo da tecnologia, possa já pressupor, mais do que uma recodificação pós-humana, uma ontologia *cyborg*. Eis, pois, o nó de fundo da questão. Tanto mais que, como é sabido, se há noção flutuante e, como tal, sujeita a múltiplas, e não raro conflituantes, aceções, essa noção, sempre muito problemática e problematizada, é justamente a da nossa identidade e das suas correlatas referências fundamentais.¹

Como é claro, para os defensores das mutações em curso, a tecnologia é indissociável do nosso cronótopo. Faz parte do mundo, define-o e aponta mundos possíveis – é, ao fim e ao resto, a presunção segundo a qual o mundo histórico é o produto do esforço tecnológico. Aproveitá-lo não é senão reivindicar a possibilidade da salvação do humano, colocado perante desafios drásticos e cuja resolução a solicitam (as alterações climáticas, por exemplo). Até por esta evidência empírica (constatação inquestionável em todas

¹ O que não é surpreendente, na exata medida em que cada pessoa encarna, com efeito, um perfil humano e intelectual irredutivelmente singular. Sendo assim, coloca-se, logo, o óbvio desafio de entender como será possível replicar em formato tecnológico a heterogeneidade humana nas suas infundáveis declinações intersubjetivas.

aquelas situações em que se interdita, por exemplo, a um adolescente o acesso ao *iphone*): situar-se à margem do mundo tecnológico é, cada vez mais, localizar-se um tanto na escala inferior da espécie humana. Noutros termos, somos, ainda que em geometrias variáveis, reféns do império da atual tecnologia e dos seus avatares.

Seja como for, o certo é que faz todo o sentido, em sede académica, discutir esta e outras questões correlacionadas com o Humano e o Pós-Humano. Razão pela qual a *Revista 2i* não poderia ficar arredada deste debate fundamental num século, o nosso, em que o horizonte tecnológico se posiciona em larguíssima – na verdade, hegemónica – escala no quotidiano. Cada um dos artigos deste número da revista tem, pois, o mérito e o propósito de oferecer uma reflexão fundamentada sobre o tema do humano e do pós-humano; como de outras questões conexas e, todavia, decisivas, como é o caso, das liminalidades corpo-máquina, às quais este volume presta, de igual modo, especial atenção. Quer isto dizer que o leitor encontrará nesta edição da *Revista 2i*, desde logo, aquilo que é apanágio da análise crítica: moderar generalizações apressadas sobre o assunto em pauta e não ceder à tentação de traduzir pressupostos em convicções. Mas os textos coligidos fazem mais: antecipam cenários, legitimam perspetivas, analisam produções simbólicas (escritas e audiovisuais) e circuitos socioculturais, constroem fundamentos; enfim, refletem pericialmente sobre o modo como diversos contextos de saberes e experiências se organizam em função da tecnologia disponível.

Assim, em “Problematizando o humano e antecipando o pós-humano”, Paula Guimarães traça, na esteira de Elizabeth Effinger, uma genealogia romântica e vitoriana do pós-humano, examinando em escritores como Blake, Shelley, Dickens, Wells um leque de des-re-figurações do corpo inserto no inextricável emaranhado do humano e do não humano.

Pedro Moura, por sua vez, estuda na banda desenhada contemporânea modalidades de interação da imagem e do texto que desenham (em sentido próprio e figurado) identidades e subjetividades além do humano, libertando os corpos da milenar teleologia humana para os dispersar em radiações ou “espectros do vivente”.

E se, como Pedro Moura lembra, a banda desenhada tem historicamente uma afinidade especial com a ficção científica, não podemos esquecer a contribuição decisiva deste género de ficção, sobretudo na versão *cyberpunk*, para a emergência do imaginário pós-humano. É o que demonstra um conjunto de cinco artigos que, debruçando-se sobre mundos ficcionais tributários à ficção científica, discutem a figura híbrida do *cyborg*. Christophe Duret foca as representações da experiência dos lugares e dos meios (perspetiva meso-crítica) para estudar, nos videojogos do *franchising Watch Dogs*, formas pós-humanas de habitar o mundo integralmente urbanizado.

Igualmente centrado na interação entre corpo e espaço, o artigo de Paulo Teixeira combina geografia e literatura para estudar num conto de Rubem Fonseca o modo como um *cyborg* habita o Rio de Janeiro, representado como metrópole apocalítica, e como daí emergem novas subjetividades.

Maria Zilda da Cunha e Maria Auxiliadora Baseio analisam a reapropriação do *cyborg* e das questões ontológicas e políticas que a figura espoleta em ficções dirigidas a crianças e jovens, nomeadamente na modalidade transficcional do *crossovers*, onde frequentemente a distopia dos cenários *cyberpunk* se conjuga com o maravilhoso dos contos de fadas para promover uma ontologia relacional e transversal.

Também João Maia se interessa por ficções dirigidas ao público infantojuvenil, desta feita o *franchising He-Man and the Masters of the Universe*. O autor traça a história transficcional e intermedial deste mundo de ficção desde os anos 1980, descrevendo não só as coordenadas políticas e tecnológicas da sua génese (globalização, Internet, *Manifesto Cyborg* de D. Haraway), mas também demonstrando que a interação da

tecnociência e de práticas ancestrais, de cyborgs e de homens-besta, produz uma utopia do corpo híbrido que exprime o ideal neoliberal da eficiência e perpetua o *status quo* ontológico.

Esta série de trabalhos sobre mundos ficcionais oriundos da ficção científica encerra com o artigo de Carlos Tello. O autor aproxima um romance de Adolfo Bioy Casares e um filme de A. Tarkovsky, para os ler à luz do discurso transhumanista – um dos discursos que compõe o pós-humanismo –, defendendo que a invenção técnica de Morel e a força do planeta Solaris geram novas formas de existência para o corpo que excede os seus limites físicos e se torna parcialmente espectral. Em ambos os casos, os corpos femininos parcialmente humanos, parcialmente vivos, parcialmente reais, sustentam presenças pós-humanas onde as distâncias, em particular as do tempo, são abolidas.

Seguem-se três artigos que se inspiram no pensamento de Rosi Braidotti para ler obras literárias contemporâneas sob o enfoque da teoria pós-humanista desenvolvida pela autora ítalo-australiana. Conjugando a leitura de Gonçalo M. Tavares com a de Rosi Braidotti, Pedro Corga sublinha a responsabilidade ética que o escritor português imputa à literatura, nomeadamente no que respeita ao impacto da tecnologia e da pressão humana sobre a biosfera, enquanto Ricardo Gil Soeiro escuta na poesia de W. Szymborska as sonoridades da matéria vibrante, solo comum a/de todos os seres, humanos e não humanos, vivos e não vivos. Num estudo sobre o conto *Refluxo* de J. Saramago, Lígia Bernardino mostra que o questionamento dos limites da espécie decorre de uma necropolítica que suprime a fronteira entre vivo e morto e entre humano e animal.

Se, como diz Braidotti, a vida não é um exclusivo humano, resta saber se a criação poética o é. É esta questão que discute Pedro d’Alte num artigo sobre poesia produzida por computador. Fortemente perturbadora da conceção humanista e antropocêntrica da criação literária, a poesia produzida por máquinas pode ser um fator determinante na reinvenção das Humanidades como Pós-humanidades.

Os dois artigos seguintes dão especial relevância à medicina na percepção das liminalidades corpo-máquina. As cirurgias performativas que desfazem e refazem o corpo de ORLAN ocupam um lugar central na sua arte carnal. Como argumentam Guilherme Massara Rocha e Vanessa Guimarães da Silva, a estética autorretratística de ORLAN converge com o pensamento pós-humanista na medida em que a rutura da forma do corpo pelo informe e pelo inumano (através, por exemplo, da inserção de biomateriais provenientes de outras espécies) destabiliza radicalmente os critérios da corporeidade humana e feminina, produzindo uma corporeidade (ou carnalidade) trans-espécie.

Por seu lado, Luíza Quental aborda as novas subjetividades que emergem da medicalização dos problemas sociais e da vida quotidiana. Destituída da dimensão psíquica (complexos, fantasmas, pulsões), a subjetividade emergente, assente em hormonas, enzimas e genes, tem como substrato material um corpo que, concebido em termos de organização informacional, é infinitamente manipulável e reprogramável. A autora explica que esta redefinição da subjetividade se inscreve num materialismo dualista com o qual o pós-humanismo recupera o princípio da autonomia do espírito/forma sobre a matéria/substância.

Agustín Flores Maya trata um assunto que releva ainda da problemática pós-humanista na medida em que, ao aproximar a crise migratória e a causa animal, levanta a questão politicamente crucial de saber quem está incluído no círculo do “nós”. Apontando a esquizofrenia moral que ressalta do contraste entre a proteção jurídica e a integração social e simbólica que reclamamos para os animais, por um lado, e, por outro, a relegação dos migrantes para aquela “condição” a que Agamben chama *homo sacer* (a vida nua, excluída da esfera humana e simbólica da *polis*), o autor propõe uma ética *humanimalista* baseada na vulnerabilidade comum a humanos e a animais.

Finalmente, Thais K. Lancman repensa com Vila-Matas a categoria da écfrase no âmbito de novas práticas artísticas intermediais, viabilizadas pelas tecnologias, e que participam da estética que Nicolas Bourriaud adjetiva de “relacional”. Notaremos que, na sua inflexão mais recente, motivada pelo tema do Antropoceno, a estética relacional se inscreve numa renegociação da coexistência humana no mundo com toda a vida e tecnologia.²

Porque os tempos presentes impõem um momento especial de reflexão, não constitui estranheza propor, neste espaço de edição intermedial, um conjunto de três entrevistas a jovens intelectuais brasileiras que pensam a distopia e a utopia como um *topos* da criação literária e artística. O intenso momento da atual experiência de vida proporciona um gesto reflexivo que atrai o pensamento criativo para a ficção que está a ser escrita de modo pouco ortodoxo e que parece estar a ser vivida *de facto* e *in praesenti* em formato global. É sobre essa pressão que o tempo exerce sobre o humano que a literatura distópica poderá servir de espelho à vida que vai marcando o pulsar humano do início do século XXI, que está repleto de descontinuidades, de estranhezas, de acontecimentos inesperados e atípicos. Anita Deak, Laura Dusi e Luisa Geisler discutem sobre as suas experiências distópicas, e utópicas, fazendo uso de linguagens escritas e visuais, e propondo vislumbres sobre o futuro. Quer a palavra (Anita Deak e Luisa Geisler), quer a imagem (Laura Dusi) orientam o nosso individualismo e a nossa resiliência para com o futuro, ou tecendo proposições apocalípticas (*distopias*), como Anita Deak e Luisa Geisler, ou contribuindo com evasões paradisiacas (*utopias*), como Laura Dusi, em que cada um destes processos de criação, por sua vez, pode tornar-se no outro.

Todos estes contributos auxiliam a compreender, como se vê, as manifestações contemporâneas do utópico e do distópico.

In this issue of the Journal *2i* there is enough evidence on how much our ever-continuous technology-oriented era proceeds to a recoding of the human identity and condition. It is a recoding affecting several fields (medicine, bioethics, biotechnologies, aesthetics, industry, education, etc.). This means that our encounter with History, marked by the techno digital revolution, affects and reshapes the definition of the human and, by extension, the politics of identity that is related to it. More than ever, this reveals a growing interest in the issue of the Human.

Nevertheless, it is not just a matter of returning to that classic question of knowing what differentiates and defines Man – a classical, speculative, and logic-rational situation coming from, at least, Descartes, as we know. What now seems to be at stake is knowing up to what extension technological operations (which outclasses biological obsolescence) are able to build a New Man (*Homo Technologicus*). Also, we need to understand, in that specificity of what we call Human, how the exponential development of biology – using sophisticated prosthesis and bionic instruments – still matches comprehends a human frame. As a result, when technology triumphs unlimitedly, a legitimate suspicion on our relationship with the human may already assume a cyborg ontology, more than assuming a post-human recodification. This is the core of the question. Mainly we are dealing/handling with a most fluctuating and problematic notion of our identity and its related fundamental references³ which are open to multiple and controversial meanings.

² Entrevista de Nicolas Bourriaud à *ArteCapital*, disponível em <https://www.artecapital.net/entrevista-200-nicolas-bourriaud>

³ This is not a surprise because each person embodies a human and intellectual profile absolutely particular. Obviously, and as a consequence, there is the challenge of understanding if it is possible to reduplicate human heterogeneity on their innumerable intersubjective inflections following a technological form.

To the defenders of the ongoing mutations, technology is indissociable from our chronotype. It is a part of the world, it defines it and it points out possible worlds – after all, it is the presumption that historical world is the product of the technological effort. To take it is to claim the possibility of the salvation of the human, who is exposed to serious challenges requesting complex solutions (climate changes, for example). To support what we have said so far, there is this empirical evidence (unquestionable evidence in all those situations when you forbid a teenager to use the *iphone*, for example): staying away from the technological world is increasingly to take a step back to an inferior scale in the human species. To say it differently, we are hostages of the technological empire and its avatars, though on different geometries.

Anyway, it makes all sense to discuss in the Academy this and all the other questions related to the Human and the Posthuman. This is the main reason why *Journal 2i* could not be indifferent to this fundamental debate in a century, our century, where the technological horizon hegemonically and strongly embraces our everyday life. Each one of the articles of this review rigorously reflects on the human and posthuman theme, as well as on other connected and decisive questions, such as the body-machine liminalities. On this edition of *Journal 2i* the reader will find the focus of any critical review: not to engage to an analysis that easily falls into generalizations and not to give in to convictions that are nothing more than suppositions. The articles here presented anticipate possible sceneries, certify perspectives, analyse symbolic productions (written and visual) and sociocultural circuits, establish principles; the articles profoundly reflect on how different contexts and experiences organize themselves accordingly to the available technology.

In “Problematicando o humano e antecipando o pós-humano”, Paula Guimarães follows Elizabeth Effinger’s Victorian and Romantic genealogy of the posthuman. She examines writers as Blake, Shelley, Dickens, and Wells to provide us a wide range of de-re-figurations of the body inside an inextricable entanglement of both the human and non-human. Pedro Moura studies the interaction of image and text on contemporary comics; according to him, image and text (literally and figuratively) draw identities and subjectivities beyond the human, and they free the bodies from the ancient human teleology in order to spread them as radiations or “living spectrums”.

As Pedro Moura recalls, comics have an historically affinity with science fiction; we cannot forget the contribution of that fiction genre, especially on its cyberpunk version, to the emergence of posthuman imaginary. This is what a set of five articles show by discussing the hybrid figure of the cyborg when referring to fictional worlds coming from science fiction. Christophe Duret focuses on the representations of experience of places and environments (meso critical perspective) to study posthuman forms inhabiting the totally urbanized world in *Watch Dogs franchising* videogames.

Equally focused on the interaction of body and space, the article of Paulo Teixeira combines geography and literature to examine a tale by Rubem Fonseca; he presents a cyborg living in Rio de Janeiro, which is represented as an apocalyptic metropolis where new subjectivities emerge. Maria Zilda da Cunha and Maria Auxiliadora Baseio analyse the reappropriation of the cyborg and the ontological and political questions the figure creates in fictions addressed to children and young people, particularly on the trans fictional modality of crossovers, where the dystopia of cyberpunk scenarios blends with the fairy tale wonderworld to promote a relational and transversal ontology.

João Maia is interested on fictions targeting a juvenile public, like the *franchising He-Man and the Masters of the Universe*. The author shows the trans fictional and intermedial history of this fiction world from the 80’s both by describing the technological and political coordinates of its origin (globalization, Internet, D. Haraway’s *Manifesto Cyborg*), and by showing that the interaction between technoscience and ancestral rituals

(of cyborgs and beast men) produces a hybrid body utopia expressing the neoliberal ideal and perpetuating an ontological *status quo*. These works on fictional worlds coming from science-fiction closes with a Carlos Tello's article. This author compares Adolfo Bioy Casares' novel with a A. Tarkovsky's film, and he analyses them following a transhumanist perspective – one of the posthumanist approaches. Tello states that Morel's technical invention and the strength coming from planet Solaris create new forms of existence for the body that surpasses its physical limits and becomes partially spectral. On both, the partially human, partially alive, partially real feminine bodies support posthuman presences where distances (mainly time) are abolished.

The three next articles are inspired by the Rosi Braidotti's thought: the posthumanist theory to read contemporary literary books. Pedro Corga takes Gonçalo M. Tavares to analyse his text under Braidotti's thought, and he underlines the ethical responsibility the Portuguese writer pours in literature, mainly on what the impact of technology and the human pressure upon the biosphere is concerned; on the other hand, Ricardo Gil Soeiro hears W. Szymborska's poetry and detaches the vibrant content of sonorities, which is common to all beings, human and non-human, living and non-living. In a study of J. Saramago *Refluxo*, Lígia Bernardino shows that questioning the limits of the specie is a consequence of a necro politics by suppressing the border between being alive and being dead, between human and animal.

If life is not a human exclusive, as Braidotti puts it, one needs to know if poetical creation follows the same pattern. Pedro d'Alte discusses precisely this issue in an article about computer generated poetry. Strongly disturbing of humanist and anthropocentric conception of literary creation, poetry done by machines is a determinant factor to take into account on the reinvention of Humanities as Posthumanities.

The next two articles give a special relevance to medicine in the perception of the liminalities of body-machine. Performative surgeries that undo and do ORLAN body take the stage on its carnal art. As Guilherme Massara Rocha and Vanessa Guimarães da Silva argue, ORLAN self-portraying aesthetics meets the posthumanist thought because the rupture of the body form by the inform and by the inhuman (through the insertion of biomaterials coming from other species, for example) radically destabilizes the human and feminine corporeality criteria, thus producing a trans-species corporeality (or carnality).

On the other hand, Luíza Quental approaches new subjectivities emerging from the medicalization of the social and everyday life problems. The psychic dimension (complex, ghost, drives) is erased from the emergent subjectivity, which is supported by hormones, enzymes and genes. This subjectivity has an infinitely manipulable and reprogrammable body, conceived regarding an informational organization as its material subtract. The author explains this redefinition inscribes itself in a dualist materialism where posthumanism gets back the principle of the autonomy of spirit/form over mater/substance.

Agustín Flores Maya enlightens the migratory crisis and the animal cause, both related to the issue of posthumanism. He focuses on the politically question of knowing who "us" is. He points out the moral schizophrenia coming from the contrast between the juridical protection and the social and symbolic integration we claim for animals, on one side, and the migrants' relegation to that "condition" called *homo sacer* by Agamben (raw life, out of the human sphere and out of the symbolic *polis*), on the other. Maya proposes a *humanimalist* ethics based on the common vulnerability of humans and animals.

Finally, Thaís K. Lancman takes Vila-Matas to rethink the ecphrasis category aiming new artistic and intermedial habits, which are made possible by technologies; those habits participate in the aesthetics that Nicolas Bourriaud characterizes as

“relational”. We will notice, in its most recent inflexion, and motivated by the theme of Antropoceno, that the relational aesthetics inscribes itself on a renegotiation of the human coexistence in the world with life and technology⁴.

On these particular days, a special moment of reflexion is requested, and on this intermedial edition it is not out of purpose to offer the interviews to three Brazilian intellectual young women. They consider utopia and dystopia are a *topos* of artistic and literary creation. We are living an intense experience of life, and these women think a reflexive attitude is taking the creative thought into fiction, which seems to be written in an unorthodox way, as if globally lived *de facto* and *in praesenti*. It is under this pressure of time on human beings that the dystopian literature of the XXI century can mirror the life as it goes with its discontinuities, oddities, and unexpected and atypical events. Anita Deak, Laura Dusi and Luisa Geisler discuss on utopic and dystopic experiences using visual and written languages while proposing glimpses of our future. The word (Anita Deak and Luisa Geisler) and the image (Laura Dusi) guide our individualism and our resilience towards the future, either by making apocalyptic propositions (dystopia), according to Anita Deak and Luisa Geisler, or by presenting paradise evasions, according to Laura Dusi. These two perspectives may overlap and, as a result, each one of them can become the other. Both contributions help us understand the contemporary manifestations of both the utopic and the dystopian.

⁴ Interview of Nicolas Bourriaud to *ArteCapital*, available on <https://www.artecapital.net/entrevista-200-nicolas-bourriaud>